

Título:

O escotismo e o *gangsta*: duas linhas de ancestralidade das organizações juvenis brasileiras.

Fabio Magalhães Candotti

Nas grandes narrativas contemporâneas a respeito das relações entre juventude e política, os eventos internacionais que marcaram os anos 1960 e 70 aparecem geralmente como um referencial quase absoluto para se pensar o tempo presente, inclusive o brasileiro. Conforme se conta, neles a parcela mais privilegiada da juventude civilizada, justamente por já desfrutar de uma abundância material, de um esclarecimento e de uma liberdade jamais vivenciados, foi capaz de se revoltar contra o mundo adulto e seu moralismo autoritário então dominante, provocando uma verdadeira revolução que atingiu em cheio a ordem dos valores e dos costumes – sendo por isso considerada a grande revolução cultural do século XX. Nesta, seria possível encontrar a conquista de uma série de valores que hoje nos parecem tão fundamentais, como o apreço pela horizontalidade em todas as esferas da vida, a defesa das diferenças individuais e culturais, a importância concedida à criatividade, a aproximação entre trabalho e prazer, os direitos à liberdade e à igualdade sexual, à paz entre as nações e à participação das minorias. Quando, então, com os anos 1990, a juventude menos privilegiada dos centros urbanos emerge como sujeito político por meio do Hip-Hop, essas mesmas grandes narrativas insistiriam justamente na continuidade que ela estaria estabelecendo com aquela grande revolução, aprofundando-a em direção aos territórios marcados pelo “atraso” econômico e cultural.

Na presente comunicação, gostaríamos de traçar outras duas linhas de ancestralidade para as organizações juvenis brasileiras. De um lado, pela via dos saberes modernos e globalizados que se preocupam com o governo “participativo” da vida dos mais jovens, traçaremos uma linha que remete, ao menos, aos movimentos juvenis da primeira metade do século XX, cuja primeira grande versão talvez seja a do Movimento Escoteiro – mas cuja versão mais acabada talvez seja a da Juventude Hitlerista. De outro lado, apontaremos para uma linha reivindicada e atualizada nos últimos quarenta anos em nome do movimento Hip-Hop, mas que remete a movimentos muito mais antigos do que aqueles dos anos 1960 e voltados à defesa e reinvenção dos povos afroascendentes. Em contraste com as grandes narrativas contemporâneas, atentaremos para a versão *gangsta* desse movimento – justamente aquela que não parece dar continuidade à

revolução cultural dos anos 1960 e 70 – como referencial incontornável para a política das organizações juvenis do presente, inclusive as brasileiras. Assim, ao fim, defenderemos que a coexistência dessas duas linhas de ancestralidade confere a essas organizações e a seus movimentos um certa ambigüidade, na qual, contudo, acreditamos poder encontrar menos um entrave e mais um “motor” para sua evolução recente.